

QUARTA-FEIRA
Lisboa-- 9 de Julho-- de 1930

OS TOES
EST. 1927

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

216



sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 4º

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA 17



—Claro... Zangou-se porque estava convencido que ela o enganava com outro...
—E depois...
—Verificou que não... Que era com o mesmo...



Os ditos da semana



Concurso de beleza Graças ao papa *Diário de Lisboa* Portugal vai mandar uma representante ao concurso mundial de beleza, ao Rio de Janeiro.

Toda a gente que tenha um palminho de cara digno de vêr-se, pode concorrer. É só questão de idade, de nacionalidade e dum atestado de bom comportamento. O resto não importa porque, ao contrario do que succede em Galveston, não haverá exhibições em *mal-lol*.

O concurso do Rio de Janeiro vai ser, pois, um concurso de carinhas bonitas, mas só de carinhas, porque a moral se opõe a que se inquiria do resto, podendo vir a dar-se o caso de aparecer uma miss Universo com uma fistula na coxa.

E quem quizer aproveitar a ocasião para escolher noiva, mas uma noiva que seja tirada das canelas, como se diz em portuguez ver... n'culo basta lhe passar depois pelo Estoril onde as misses mais ou menos universais mostram tudo. E assim se evita o precalço de comprar nabos em saco.

Falta de mulheres

Segundo o relatório Demográfico, a população decresce, mas decresce principalmente aquele sexo que é o nosso forte — o sexo fraco.

Antigamente, era sabido, havia sempre mais mulheres do que homens. Dai aquela tendencia do homem para ter umas poucas de mulheres. O pae do céu ralhava mas os homens não se importavam e as mulheres ainda menos. Depois, com o andar dos tempos, vendo que não conseguia nada por boas maneiras, o Padre Eterno, começou a cortar a ração, a cortar no sexo fragil, a reduzir as mulheres, até que chegamos a este resultado.

Não haja, porém, preocupações, nem sustos, nem arrelias, porque o equilibrio torna a fazer, logo que o pae do céu perceba que já estamos na inversa, e que ha mulheres que tem uns poucos de homens.

Aparições

Lá para os lados de Viana do Castelo, deu-se uma nova aparição.

Fatima já tinha a sua re-

putação feita. É preciso que Nogueira faça a sua.

Embora não pareça natural, a verdade é que as aparições tem uma grande influencia na urbanisação dos locais que Nossa Senhora escolhe para se mostrar aos pecadores.

Noutros tempos, quando era preciso abrir uma estrada, construir uma ponte, traçar uma linha de caminho de ferro, fazia-se uma representação ao governo, vinha uma comissão a Lisboa, metia-se empenhos, fazia-se valer o voto dos eleitos da região etc. Mas este processo nem sempre dava resultado porque, em geral, o deputado que se apanhava eleito com o isco da obra, só queria saber da obra para efeitos do anzol e nunca mais pensava no caso. Agora simplificou-se o pro-

cesso. Aparece Nossa Senhora e pronto; aparece tudo feito, desde as obras publicas até uma fonte com agua milagrosa. Já houve mesmo quem pensasse em encomendar uma aparição para a Companhia das Aguas, a vêr se o sr. Carlos Pereira se comove.

Deixem pois, aparecer Nossa Senhora que é uma magnifica colaboradora nas obras de tomento. E ainda ha quem não acredite em milagres!

Um esteta O leitor viu com certeza aquela noticia que veio nos jornais, de um homem de Alcains que não consentiu a entrada da nora em sua casa, com o pretexto de que ella era muito

feia. Deve ter-se rido o leitor, como nós, á primeira vista, nos rimos. Mas o caso não é para risos.

Se todos assim professassem um entranhado culto pela beleza, como não estaria mudada a face da Terra!... Domingos Martins Gomes, que deve ser lindo e perfeito como Apolo, não consente que se deslustre a sua raça e não compreende que um filho seu possa curtir semelhante desgosto — o desgosto de ter ao pé de si, para todo o sempre, uma mulher que não herdou a beleza pura, a atica formosura da Venus Alrodite. Que grande artista, que grande esteta se está perdendo em Alcains.

Anúncios Dum jornal da manhã que é sempre o nosso melhor torneador:

Lulu

Dá-se a quem o estime, R. Sapateiros, 391. L.

Dá-se, mas custa muito a dar. Dá-se mas ha-de ser a pessoa que o estime como se fosse da familia. Dá-se, mas é preciso que a junta de freguezia ateste que se trata de pessoa de boa indole, que não come gato por lebre e em casa de quem o lombo de vaca só se cosinha á «jardineira», para que o pobre animal entre na panela com a ilusão de que vai entrar num vasto campo florido para pastar.

Dá-se, mas ha-de a Sociedade Protectora dos Animais certificar em papel selado, com todos os selos e alcavalas do estilo, que o pretendente é compassivo e bem com os animais, como se diz nos bebedouros publicos.

Aquele anuncio é um grito de alma, que nos faz antevêr um coração alanceado pela mais negra dôr. Dar assim um Lulu é quasi tão doloroso como abandonar um filho no vão duma escada.

Que tragedia encerram aquelas quatro letras: —Dá-se...

“Cartas da Guerra” De Wenceslau de Oliveira acaba de publicar-se um livrinho interessante: «Cartas da Guerra», que se lê com o maior agrado e ao qual está destinado um grande exito de venda.

HENRIQUE ALVES



O Concurso do «Diário de Lisboa» que entre o publico está despertando o maior interesse, deu axo aos auctores da revista «Senhor da Serra», em scena no Apolo, a incluirem na peça mais um numero gracioso que Henrique Alves, o brilhante artista, interpreta inteligentemente.

TEATRO
«RETROZ PRETO...»

O **TEATRO** não está tão mal como dizem. Acabou a temporada do Nacional, mas já se pensa noutra para o verão, com duas grandes actrizes.

Quem serão? E' capaz de ser a Adelina Abranches ou o diabo por ela...

O **DARBOSA** Junior tem já prontinha a ser servida ao publico a *Salada de alface*. Estará bem temperada? E fresca? Vamos lá provar e, se gostarmos, repetiremos a doze. Tambem, com este calor de rachar, que esvazia os teatros, só uma salada de alface é capaz de despertar o apetite dos «aficionados...»

CONSTA que vem a Lisboa uma Companhia de revistas brasileira.

Agora é que vamos aprender a falar português! A representar não, que os «di lá» ainda não sabem!

FRANCIS, que andava bailando no vazio, retomou na Companhia do Trindade o seu lugar de artista e «metteur-en-scène».

Parabens a todos! Trata-se duma boa aquisição! O bom filho a casa torna...

A «**GRANDE PARADA**» está dando que falar. Todas as noites, o comandante Emauz passa revista ao regimento teatral, mostrando-se satisfeito com o garbo das «girls», a limpeza dos uniformes e a correção dos «cabos» da companhia. E aquilo vai tão bem que já chamam á *Grande Parada* uma parada... de boca!

CEGOU a Ovar a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Escusado será dizer que, no tea-

Palmira Bastos



A ilustre artista que reaparece no Gimnasio na sexta-feira, com a peça «Terra de Ninguém».

SCENAS DA SCENA

UMA CORISTA

Em Portugal, todo e qualquer sujeito procura emprego; corre três ou quatro; é despedido e, como não tem jeito para mais nada... vai para o teatro!... E claro, o desemprego continua... Mas diz-se actor... Ve tuas um certo etico de distincão e em vez d'andar na rua, passa os dias na «chite»... Então coristas, vale mais contadol... «Vende», não se acredita! Cultura física? Isso é predicado tão dispensavel como sêr bonita!... O precho é ter «latas» dizem elas... E devem ter razão, que o necessario para serem estrelase é descobrirem quem lhes dê a mão!... Oçam lá esta, que parece historia! — Ha tempos, atraida p'la revista, appareceu no «Maria Victoria»

uma pequena, pronta a ser corista. Ficou... Ves-la bem, era engraçada e demonstrava, mesmo, certa vida. Mas o peor é que não dava nada e assim, dias depois, foi despedida... Não desistiu, e entrou p'ra o «Variedades». Primeiro ensaio... Sempre o mesmo estillo... Chovem perguntas e vulgaridades — «O maestro isto... O maestro, aquillo...» A pequena acha graça, ri, contente. O maestro pergunta-lhe o razão, e ella, composta, muito sèriamente responde, então: — «Ri, por causa do nome do senhor...» — «Mas que tem o meu nome com tal caso?» — «E' porque o meu primeiro ensaiador tambem era Maestro, por acaso...»

SILVA TAVARES.

tro da terra, vai ser descerrada uma lapide com o nome daquela eminente actriz.

Associamo-nos desde já a festa, da... meia guiza de barriguihas de ovos moles...

O **ALVES** da Cunha faz hoje, pela primeira vez, a *Terra Desumana!* Que deshumanidade com este calor! Como é no Gimnasio, podia pôr-se em mangas de camisa!

VAMOS ter a *Flôr do Bairro*, opereta de costumes populares, no Avenida.

Mas quem será a flôr, se ha tantas na Companhia?

DIZEM-NOS que ha actrizes que fazem anos duas vezes por ano: de verão e de inverno!

E' sempre assim, quando abundam os admiradores dinheirosos...

LOGO a noite entra em scena a actriz Palmira Bastos. Toma parte na representação da *Terra desumana*, fazendo o papel de mãe dum aviador francez.

Estamos convencidos de que vai roiar muito alto! Que o diga o publico...

MAIS uma revista que se anuncia. E com um bom titulo: *O Quebra Bilhas*.

Vamos lá ver como elas se concertam!...

JA chegou a Lisboa o actor Chaby Pinheiro.

Vem tão magro que niaguem deu por elle...

O *HOMEM DE TODAS AS HORAS*



I—Como vês um foguete sobe a grandes alturas em dois segundo!



II—Com trezentos foguetes! Vou bater o «récord» de altura...



III—E cá vou para cima que para baixo todos os santos ajudam.

O homem do elixir

O sr. Antonio Joaquim era um esportilhão. Segundo dizia, tinha descoberto um elixir que evitava todas as doenças.

Tratou por isso de combinar com os seus conhecimentos a melhor maneira de fazer a propaganda, e todos foram de opinião que o processo mais simples e seguro era ir para uma praça publica, como os pantomimeiros e, depois de um discurso, impingir a tal droga, que era tão boa que evitava as doenças, matava pulgas e ratos, etc.

Combinaram o discurso. O sr. Antonio faria uma conferencia com o fim de convencer todos que a ouvissem de que ele fazia milagres e que por um milagre inventara a tal droga. Depois... era só dar os frascos e receber a massa.

Ficou então assente que, no fim do discurso, o sr. Antonio perguntava a numerosa assistencia o que queria que apparecesse. Então, os comparsas pedriam, em altos gritos, qualquer das quatro coisas: um gato, um cão, um papagaio e fogo, que seria representado por um papel a arder.

Num domingo, à hora de maior movimento, lá estavam todos.

Meus senhores! Vou fazer um milagre! — disse o sr. Antonio com voz de quem ia fazer outra coisa.

— Pedi o que vos apeteça, que tudo eu farei apparecer.

— Um gato! — trovejou um dos comparsas.

— Venha o gato! — pediu o sr. Antonio.

E um gato, parecendo vir do céu, caiu na assistencia.

— Não querem mais nada?

— Um cão! Um cão!

— Apareça já um cão! — intinou o sr. Antonio.

E um cão, etc., etc. (Vide a descrição para o gato).

O sr. Antonio continuou:

— Julgo que estais convencidos que faço milagres, embora queira ainda dar mais uma prova. Pedi... Pedi! Estou com a mão na massa e já agora vou fazer mais alguns milagresinhos...

— Fogo! Eu quero fogo!

— Venha o fogo! — pediu o inventor.

E o fogo não vinha!

— Então o fogo?! — tornou a pedir mais alto.

Silencio absoluto.

— Então o fogo, porque não apparece?!

Nada. A assistencia começava a duvidar.

— Com voz implorante, o Antonio Joaquim pediu baixo:

— O fogo!

Então, do grupo dos embaçados destacou-se um, visivelmente atrapalhado:

— Sr. Antonio! Sr. Antonio! E' que o papagaio e... nos foferos...

F. D. C.

VERDADES AMARGAS



— O senhor podia dizer-me se passa aqui algum carro que me leve à Morgue?

— Ora essa.. Quasi todos.

Encarnado das mulheres

Os vestidos vermelhos, a rojar pelo peronio das mulheres, môças e sêdicas, estão agora em voga. E os homens, de todas as idades, se fossem borboletas, atraidos pela brilhante e suggestiva côr chegam a cegar... caindo aos pés das divas completamente dominados pelo estoque do Amor.

Encontro, por acaso, no Conde Redondo, seguida por uma legião de pequenos linguareiros, mademoiselle Malicia. Um beijo que se troca um ligeiro beliscão no biceps e eis estabelecido o fino dialogo:

Ela: — Então, meu gajo, não gostas de me vêr toda papoula?

— Só uma vez, em 30 dias — respondi afoitamente.

Mademoiselle, com um discreto piscar de olho, dá uma estridente gargalhada, que fez espantar os Narcisos seus admiradores. E retorquiu:

— Olha que o papagaio vai alto! Nós precisamos de vestir assim para os homens darem mais cuspo no cordelinho...

— Não acho. Desde que vocês deram em cobrir as pernas até aos saltinhos dos sapatos, perderam todo o encanto. Nesta quadra canicular, em que o nudismo assenta arraiais na Trafaria e na Costa de Caparica, não faz sentido que

as mulheres escondam o que melhor posuem para deslumbramento da vista... Até as sorveteiras estão a perder com o novo capricho da Moda! Antigamente o sexo forte, ao deparar com uma nêsgasinha da liga, mesmo sem pompons, caia alagada em suor, e, a tal ponto, que o sorvete era imprescindivel para acalmar os nervos... Agora, com o pano encarnado, os rapazes limitam-se a curvar a cabeça, em ligeiro cumprimento, e com a vista turvada recolhem a casa, para não serem passados, na rua, por ruminantes...

Ela, despeitada:

— Mas, se ele ha tanto bicho-homem passado, por mãos de mulher, porque se não defendem, saltando astaboas do prazer e da luxuria? E' uma questão de notas...

—...mesmo do cornetim — atalhei.

— Certamente. Com musica tudo se faz. O que é a dansa desta vida sem Jazz-band?

E mademoiselle Malicia, novamente perseguida pelos florenciados e joviais rapazes, tomou a direcção do seu Homo, onde a sua colega a Bregerrice a esperava impacientemente. E esta estava, tambem, delirantemente vermelha, afoaguenda...

IVINHO

Graça dos outros

O ladrão — E' agora ocasião de entrarmos em casa do Garcia!

O cúmplice — Ele saiu!

O ladrão — Não, mas eu puz um leteiro na porta, onde se lê: «sahi; volto daqui a cinco minutos»..

No alfaiate:

— Quero que me faça este fato, mas com quatro pares de calças!

— Quatro?

— Sim. Minha mulher comprou um cão policia...

No escritorio:

O empregado — Venho pedir-lhe licença para ir ao enterro de minha sogra.

O patrão — Como eu invejo o meu amigo! Tão jovem e tão feliz...

— Você não podia trabalhar em vez de mendigar?

— Trabalhar! Trabalhar! Você julga que um homem que passa o dia pedindo esmola ainda tem tempo para trabalhar?

Ele, de cinco anos:

— Mamã, é verdade que me queres muito e estás disposta a todos os sacrificios por mim?

Ela, já riua:

— Sim, meu Joanito!

— Então, porque não te casas com o dono da pastelaria?...

— Sempre que me deito tarde, no outro dia doem-me os ossos!

— E' natural! O que tu precisas é enviuvar...

Na policia:

— Quanto dinheiro tinha na carteira?

— Quinhentos e vinte escudos, e cinquenta centavos!

— Uma moeda de cinquenta centavos na carteira?

— Não, senhor. Em sêlos do correio...

— Dizem que te dedicas agora à pintura!

— E' verdade! Pinto a todos a minha situação...

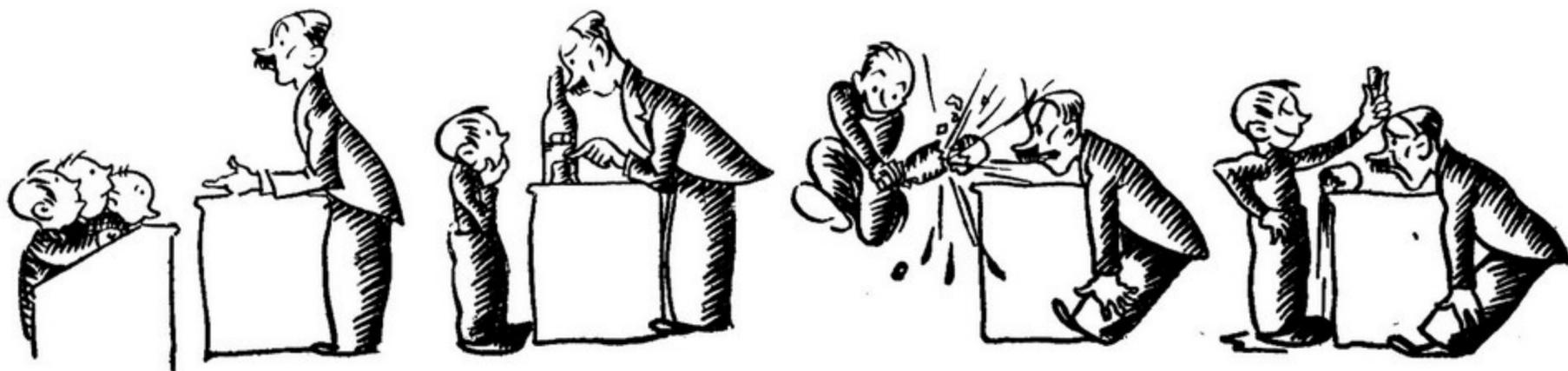


— Queria um espelho.

— Um espelho de mão?

— Não. E' para vêr a cara.

EXAMES PRATICOS



I — E' preciso discorrer. A cabeça não foi feita só para pôr o chapéu. II — Como vê, é preciso arranjar a forma mais pratica de tirar esta rôlha da garrafa. III — ???? IV — Aqui tem o senhor professor a rôlha!...

Elevador da Gloria

A mulher.— Disseram-me que ontem andaste a passear com uma morena, baixinha, muito parecida comigo!

O marido — Ah! Mas se não eras tu...

O pintor — Mas o senhor julga que estou morto de fome para me oferecer a porcaria de 1 conto por este meu formidável quadro expressionista?...

O amador — Homem, como você é um pintor cubista, pode elevar o preço ao cubo...

— Por fim. Depois de muito trabalho, concordamos em submeter a questão a um tribunal de honra.

— E deu bom resultado?

— Admirável! Oito dias depois dois memores do tribunal batiam-se à pistola!...

Ele — E tu que vicio te domina?

Ela — A vaidade! passas horas inteiras a contempnar a minha beleza!

Ele — Isso não é vaidade... é imaginação...

Ele — Quando estive na Persia, tive um sucesso doido!

Ela — Tiveste?

Ele — Não passava por uma rua que não houvesse «persianas» as janelas...

O mendigo — Um fosforo...

O transeunte — Para quê?

O mendigo — Para acender um cigarro, se o senhor m'o dar...

No carcere:

O benemerito — Porque está você aqui?

O condenado — Porque as paredes têm um metro de espessura...

O professor — O que fazia o menino se cinco amigos o fossem visitar e só tivesse uma maçã?

O aluno — Esperava que eles se fossem embora, para a comer...

Ele — Não é de opinião que as viagens despertam a intelligencia?

Ela — Absolutamente! Porque não faz você a volta ao mundo?

VERDADES AMARGAS



ELA — Ora faça favor de reparar: neste quadro tinha eu dezoito anos!...

ELE — Devia já ter sido ha muitos anos!...

Hipnotismo tapa-miserias

Manuel José foi toda a vida um rapaz de muito expediente. De tanto, que nunca conseguimos vê-lo um ano inteiro na mesma profissão...

Cavaleiro, artista cinematográfico, escalador de igrejas e monumentos, representante artístico, «boxeur», sempre apareceu em toda a parte com o mesmo á vontade, com um á vontade que até á vontade de lhe perguntar como aquilo é...

Um dia — como já acontecera em muitos outros dias, de muitas outras épocas — Manuel José arranhou uma rapariga, nova, bonita, com apresentação. E, como a pequena um dia apparecesse a cantar o «Je n'ai qu'un amour c'est toi!», veio-lhe á mente a idéa luminosa de constituir uma «pareja» que fosse por esse pais fora — e até pelo estrangeiro, porque não? — cantar, bailar e recitar... ganhar a vida.

A primeira representação foi em Alhos Vedros. Mas foram tantos os alhos, as batatas e as cenouras que inundaram o paço, que

o nosso Manuel José resolveu mudar de tacaça...

Consultou o seu amigo Mario Barnabé — pessoa sabida que tem sempre um conselho a empô — e este disse-lhe:

— Só tens um processo de ir para diante.

— Qual é? Venha êle!

— O hipnotismo.

— O hipnotismo? — perguntou, arregalando os olhos, o Manuel José — que nunca tinha acreditado nessas coizas.

— Sim, o hipnotismo! Vê... que é que foram pateados?

Porque, enfim, não são um prodigio de arte. Tu não és um Chevalier. A tua rapariga não é uma Goya. Mas se tu fingires que hipnotizas a rapariga, em pleno palco, e ela começar a cantar, a bailar, a gesticular, mesmo que dê filias e não valha um pataco, o publico aplaude. Aplaudete a ti, porque a hipnotizaste. E aplaudete a ela, porque, mesmo hipnotizada, executa as borracheiras que tu previamente lhe tiveres ensinado.

E assim nasceu o dueto que vai por esse pais fóra — e até pelo estrangeiro, porque não? — cantar, recitar e bailar... ganhar a vida...

EL TERRIBLE FELIX.

O senhor Justino

Bendigo a hora em que fui apresentado, entre uma mesa do Chinês e uma senhora de chinó ao Justino Salustiano. Foi uma hora que entrou bem no meu coração, atendendo a que levo a vida sempre fóra d'horas.

Calvo hereditario, o Justino, como todos os Justinos de Salustianos inclusive, tinha uma mania: ser sportman. Bater todos os records como sua mulher batia todas as roupas; ser o homem do dia, das tardes felizes, como o era de insónias todas as noites; dar saltos em altura como descera de categoria no ministério; lançar o disco com a mesma facilidade com que o colocava numa grafonola de rifa; atacar todos os corners com a mesma indiferença com que sua mulher os defendia; ser o campeão do lançamento do martelo como o era do preço.

Porém, (ha sempre um porém nestas historias de Justinos que os deixam enervados) o medico do Foot-ball Club de Amendoim, depois de o auscultar atentamente deu-lhe, além duma pilula, um desgosto profundo. Proibiu-lhe todos os «sports», excepto o volante e o arreo!

— Você pode guiar um auto; pode montar um corcel, mas nunca pode praticar, por suas pernas, outro qualquer «sport».

O Justino conformou-se. Mediu os fundos da carteira, consultou guias, catalogos e «chauffeurs», e prostrou-se, por fim, nos passeios publicos a praticar o delicioso «sport» de ver automobilismo.

Mas como nem sempre se está bem no dobrar duma esquina, que dá, quasi sempre, em dobrar a finados, o Justino foi atropelado.

Conduzido ao hospital, com a fala no buxo e uma perna ao peito, o Justino nunca perdeu a serenidade e a ponta do chiste que sempre o caracterizou.

— Diga-me cá, ó senhor guarda: Que carro era aquêlo?

— Um «Benz».

— Logo vi! Ha males que vêm por «Benz»...

Acompanhei o Justino nessa tarde ao picadeiro. O Justino, que de cavalos só conhecia o da estatua de D. José e os da roleta de Espinho, mal se escarranchou no selim, sentiu pela espinha os «glob-trotters» dos arripios a gela-lo.

— Pique! Pique!

Ao sentir-se chicoteada, a «Joana» não esteve para graças. Atirou dois pares de coices e estampou com o pobre cavaleiro a meio do redondel.

Ful erguê-lo. Com o nariz esmurrado e um olho absolutamente pizado, o Justino, sempre com a mesma presença de espirito, commentou:

— Isto não era para mim, amigo, mas é a tal coisa: «paga sempre o Justino pelo Picador.»

ARMAND DE SERAVAT.



— Onde o vê, tem 40 cavalos.
— Pois tenha cuidado porque não estou para ficar sem erva.

ESPERTESAS...



I — O meu burro não quer andar. Não sei o que fazer. II — Já o ponho a andar mais rapido que o combolo. III — Lá vai ele!
IV — Faça-me agora o mesmo para eu poder apanhar o burro. V — A 200 á hora!

Corrida de Cha-Velho

Quantidade das touradas portuguesas oferece varios aspectos interessantes como o de ser illustrada com gravuras de «sortes» que são successivamente apresentadas como sendo dos mais variados toureiros. Assim acontece que a mesma «evolucionica» tem sido atribuida a Belmonte e ao ultimo dos «malctas», o que me «pase» a Marcial e ao menos Marcial dos toureiros, e o «marcissimo» «voluntario» a Fortuna e ao mais desafortunado dos matadores.

E não só as gravuras oferecem tal pitoresco porque os trechos de prosa traduzida não lhe ficam atrás. Assim, acontece ser publicada como respeitavel critica o que não passa de publicidade paga — erro facil para quem não conheça os bastidores da «Prensa taurina espanhola».

E' por tudo isto, de que ninguém e equipado e em que todos temos incorrido, que quero, espontaneamente, recortar dos diários espanhóis o autentico exito do «nino» Manolito Bienvenida, que todos concordam ter tido um gesto «de hombre» ao aceitar a ultima corrida de Madrid depois do exito que anteriormente obtivera, valentia em que os toureiros não costumam «cair» por medo a comprometer o triunfo já conseguido.

O caso é que Manolito obteve no primeiro touro de Argimiro ovações indiscriveis.

— «Hay mucho torero aqui» — diz o «Heraldo de Madrid».

E no segundo, maior foi o exito de Manolito que elevató tempestades de aplausos y ovaciones clamorosas.

— «El delirium tremens!» — diz ainda o «Heraldo».

Três pares de bandarilhas colocou o pequeno grande toureiro e:

— «El publico babea de gusto y se rompe las manos a fuerza de aplaudir y cuerda afónico de tanto balarear artista.»

E, finalmente, o total da corrida a que nos referimos, e de muitas outras corridas em que Manolito tem entrada, merece este resumo:

Bienvenida!

Fis um autentico resumo de publicidade que espontaneamente «indamos» a Associação de Toureiros Portugueses que teve o acerto de contratar tão grande torero para a sua proxima festa.

Uma casa com a entrada uma escadaria e pitoresca casa de corralas que tem uma sala onde os «malctas» encontram pitoresco ambiente por suas coloridas decorações, apresentando aspectos de corridas de touros e varios outros detalhes.

— «Então, papão...» — a casa tem o título francez de «Cocq».

Não seria melhor chamar-lhe «El Gato de Oro», em ironica homenagem a esse genial Rafael «El Gato»?

PEREZ LA CHAISE

Superstições



Agora reparo que somos treze nessa.
— Não faz mal... Eu como por outro.

TAC-TAC-TAC

Para uma nova edição

Largamente se referiram os jornais a importancia que para a propaganda das novas directrizes da Estetica teve o chamado *Salão dos Independentes*.

Dele nada eu disse, porque de todo me foi impossivel visita-lo, tendo, justamente nessa ocasião, partido para Italia, onde, a convite de Sua Santidade, fui assistir á entronização de Marinetti na Academia Romana, criada por Mussolini.

Mas se nada se me ofereceu dizer das obras expostas no *Salão*, algo se me antolha oportuno escrever agora acerca do *Cancioneiro* que, concomitantemente com as obras expostas, apparecem a publico.

Dêle se occupat com profeciencia um critico que de suas curiosas e sapientes locubrações nou as columnas do nosso pai e tutor *Diario de Lisboa*.

Estou absolutamente de acôrdo com o critico aludido no tocante á defeituosa organização do *Cancioneiro*.

Ao passo que entraram na sua confecção poemas absolutamente *bota-de-elastico* (como, por exemplo, alguns trechos de *O Quinto Imperio*, de Ferreira Gomes), alguns dos mais nobres cultôres do *interseccionismo* pure foram desdescaravelmente esquecidos.

Assim, não vi produção alguma de Horacio d'Esproval, o burilhador notavel daquêle magistral

«Cair das sombras diáfanas»

Oh olhos marsupiais do Sol-poente!
Meditações genesicas da Espuma!
Oh, minha alma doente.
Incoerente!
Oh, todas as desgraças—e mais uma!...

Mas que, porque este poeta se afastou de ha muito das lides liri-

cas, o seu nome fôsse olvidado e desdenhado seus deliciosos ritmos, mercê do seu orgulhoso afastamento ainda se compreende.

Mas que o nome já glorioso de Fernando Alberto, o mais audaz e brilhante cinzelador do oculto, fôsse tambem preterido é que é escandalosamente inadmissivel.

Fernando Alberto, o feliz criador das *Melodias intrinsecas do Jazz-band*, esgotadas no curto espaço de duas semanas, e um nome que tem de figurar em todas as *Antologias* da poetica moderna.

E, se aos organizadores da primeira edição do *Cancioneiro* escapou essa imperdoavel falha, aquêles que da provavel e necessaria segunda edição se encarregarem não deixarão de incluir nesse rutilante escriptorio, pelo menos, este soneto que hoje a eles e ao publico ufantemente ofereço:

«Flôres brancas»

a Ela

Intempestivamente, apoz uma missiva,
E, jazendo o altar da putrida insolencia,
Eu dei-lhe a geropiga, á busca da Sciencia,
E, por nefasta grei, eu tive a morta viva!

Deix-me, oh, gente ignara, as véses que a saliva
Num temporal surdino, e de epica demencia,
Jaz moribunda atroz, de baixa inconsciencia
E de furor timbrada o peito meu cativa!

Ribomba o nome dêle: ausculte-lhe a mulher,
Eu já vivi no mundo, e já caôr eu tenho;
Rasgando o canero puro, eu bêbo da colher.

Nas pratas do sertão o meu calor empênho;
E, olhando para o chão, eu vejo o que quizer,
Porque quem faz o mal—esconde o seu engenho.

FERNANDO ALBERTO

A pudica modestia do virtual poeta não me levará a mal que eu deixe aqui registada a sua supremacia métrica. Estou certo de que cumpri o meu devêr civic.

CIRANO DE VELHOFRAC.



A cruz "Bayer"

em cada comprimido e a embalagem original garantem a eficacia, quasi instantanea, da Cafiaspirina contra toda a especie de dôres, sejam da cabeça, dentes ou ouvidos. Nada melhor para curar um resfriamento ou um ataque gripal, ou para aliviar os incomodos particulares das senhoras. Augmenta a energia nervosa, sem atacar o coração ou os rins, e não intontece como succede com alguns similares. Não aceite comprimidos soltos!

CAFIASPIRINA

A prece de Maria

Não nascera, decididamente, a cachopa, bem fadada. Levava sempre uma vida de trabalho insano e, se na verdade os seus dotes de beleza não eram grandes, era Maria môça prendada, muito trabalhadora e socegada.

O certo, porém, é que chegara aos vinte e dois anos sem um namôro.

Os homens olhavam para ela. Sorriam. Dirigião-lhe madrigais. E... todavia, a môça continuava sempre solteira.

Não porque fôsse feia ou não fôsse prendada. Apenas porque Deus parecia ter-se esquecido deia que era catolica fervorosa.

Aconselharam-na a que se fizesse «coquette». Assim fez a cachopa. E continuou solteira.

Os homens, decididamente, não queriam nada com ela.

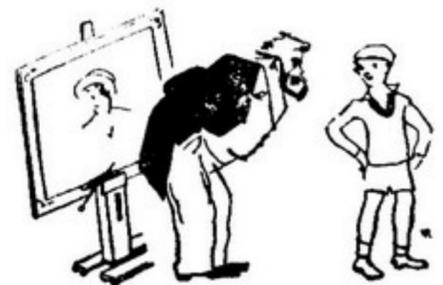
Uma noite, ao deitar, Maria fez as suas preces.

E então pediu a Deus, com fervor, lhe dêsse um noivo. Feio ou bonito. Pouco lhe importava.

No dia seguinte, em frente da casa de Maria, fôrma um regimento que ia para manobras.

— Oh! meu Deus! Muito obrigado — exclamou Maria — por teres ouvido as minhas preces!

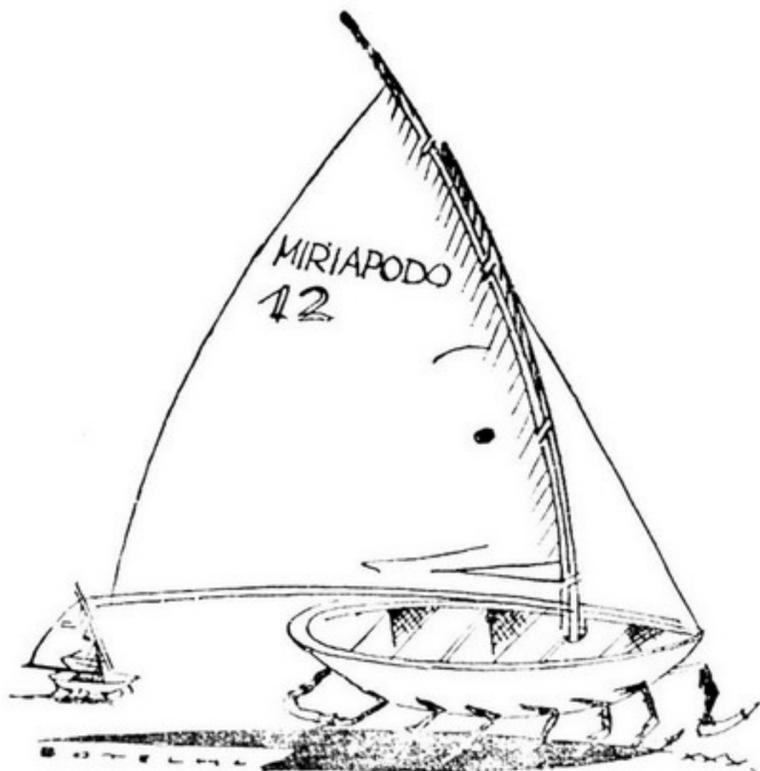
Obrigado! Obrigado! Dá-me forças agora!



— Gostavas de ser artista, pequeno?
— Eu gostava, e o senhor?

DESSPORTOS El-Rei boato

Regata a pé



Presume-se que no proximo domingo ganhem os ingleses porque teem os pés mais compridos.

BAILADO DOS AUTOMOVEIS

Costa do Sol, no domingo.
Ides ver, amigos meus,
Um caso que brada aos céus,
Automoveis a dançar.
E, muito ao longe, distingo
E vejo, como quem sonha,
A barafunda medonha
Que a contradança vai dar.

Volantes dos mais artistas,
Segundo diz a noticia,
Vão experimentar a pericia
Indo ver quem é capaz
Debaixo das noesas vistas,
De fazer perfeitamente:
Andar cem metros p'ra a frente
E mais quarenta p'ra traz.

E o Pedro, o mestre de sala
Dirigirá a quadrilha

Diga o povo o que quizer
E estou daqui a escuta-la.
A sua voz tão longa:
«Les Chevrolets» en avant,
Os «Fords» «en arriere».

E eu penso, não sei porquê
Que no final dessa prova
(Prova tão interessante e tão nova
Mas que dá muito trabalho)
Diz o Pedro — «au milieu»
E os carros vêm p'ra o meio
E eu afirmo, sem receio:
Ficam todos num frangalho.

Ah! volantes duma cana
Isto é mesmo á americana.

Z. M.



—Estás sempre a dizer que gostavas de viver nestes palácios; olha eu já estive num seis anos...

—Sim?

—No do Conde de Andeiro..

E' nosso velho hospede. De geração espontanea, desenvolvendo-se com uma intensidade verdadeiramente tropical, bafejado pelo nosso clima exuberante, pela nossa atmosfera politica propicia e alimentado pelo nosso temperamento palrador que tão bem lhe quadra, criou entre nós fundas raizes. Sempre novo, fecundo, imaginativo, e incansavel de actividade, principalmente quando os ares estão um pouco turvos e se espera alguma coisa.

Quando a tormenta se julga então mais imminente e proxima, el-rei boato, feliz no seu elemento, estala, circula, propaga-se, multiplica-se, toma proporções de realidade; e febril, rapido, de boca em boca, aumenta, torna-se complexo, medonho, terrivel, adquire as proporções de calamidade irreparavel, de juizo final.

Um exemplo:

— Ouvi dizer que esta noite os de 19 de outubro, estão na rua 20 de abril e já fizeram um 31...

— De janeiro?

— Não, um 31 de boca, isto é, disseram coisas tremendas, que vão assaltar...

— Não me diga mais...

— Mas espere; estava tambem um grande republicano, dos da velha Guarda...

— Republicana?

— Oiga; apareceu tambem um militar, um major; de repente o chefe do grupo foi p'ro major...

— O quê, mataram-no?

— Não, foi p'ro major e disse-lhe que lhe constava que na Brasileira os de 14 de Maio, tinham dado muitos vivas, e que depois rebentou uma bomba, causando algumas mortes.

— Isso o velho; catre nos os vivos dão quasi sempre mortes...

— Mas escute; parece que depois combinaram ir buscar os de 18 de abril e os de 5 de dezembro, que tinham ido para a antiga Feira de Agosto, tentar um novo 5 de outubro...

— Que me diz! Vou já para a rua 24 de julho.

— Mas para quê?

— Para m meter em casa!

— Mas aí não ha nada!

— Melhor, e lá que eu móro.

Despedem-se; no caminho o informado encontrando um desconhecido:

— Não vá para a Baixa, homem..

— Mas o que foi?

— Ha para lá o diabo, meu caro; já rebentaram bombas dentro da Brasileira.

— Naturalmente de clorato..

— De clorato ou de cloreto; isso não sei; o que é certo é que elas rebentaram e os mortos são ao montes.

— Mas porquê? Quando?

— Não sei homem; só o que lhe digo é que a guarda republicana já foi quasi toda p'ro major;

vou uma pessoa viva na Brasileira; vão assaltar os de 18 de abril, na Feira de Agosto e vai ser pior que o 5 de outubro.

— Bem, bem, vou só ali comer alguma coisa e vou já para casa.

— Não se aventure muito, veja lá...

Despedem-se; o novo informado entrando tremulo, num restaurant, para o criado:

— Então, temos bernarda?

— Non xenhor, háy mãoeinhas com faxão e chispe cum herbas..

— O quê, não sabes? Pois rebentou outra revolução; mas desta vez não é para graças; já assaltaram a guarda republicana, onde não escapou nem o major; ha imensas mortes na Feira de Agosto; estão os de 18 de abril e os de 14 de Maio a contos com os de 19 de outubro; não ouviste as bombas?

— Bi paxar os bombeiros, mas non sabia que habia fogo.

— Falo das bombas que rebentaram; mas traz-me a ceia depressa, porque isto vai dar sarilho grosso; deve estar tudo de prevenção; as tropas se calhar não têm forcea para a manutenção da ordem; se isto não fór afinal um movimento militar, Mas despacha-te, homem, que não me posso demorar...

O criado muito palido sai correndo; pouco depois o patrão manda fechar a porta e pôr os taipais; um freguês que estava escrevendo uma carta para fora de Lisboa, termina rapidamente:

...e agora termino porque rebentou uma grande revolução que, segundo o que corre, deve ser terrivel; assaltaram já a Maratona Militar; supõe-se que é o 5 de Outubro; as bombas rebentam por todos os lados, causando mortes aos milhares; agora mesmo passou uma aqui a porta; diz-se que na Rua 27 de Abril os de 14 de Maio mataram um velho major que ia para a Feira de Agosto.

Um outro freguês apressado paga e retira-se; na rua encontra outro:

— Você ouviu?

— Não, V. cê disse alguma coisa?

— Não ouviu nada? Então onde é que esteve?

— Estive no «Condese»!

— Então não ouviu nada?

— Não, era só animatografo, isto é, ouvi a musica.

— Mas cá fora?

— Não, estive lá dentro, no balcão.

— Mas cá fóra, na rua?

— Na rua não encontrei ninguém conhecido.

— Pergunto se não viu nada; então não sabe que rebentou a bernarda...

— O quê, a mulher do Gomes? Oh! coitada! Então piorou?

— Não, homem; falo das bombas, dos tiros, da revolução que está na rua; a Guarda Republicana assaltada pelos do 18 de Abril; os de 14 de Maio na feira de Agosto, querem fazer um 5 de Outubro..

— Mas se estamos em Novembro?

— Isso não quer dizer nada; só lhe disse isto; meta-se já em casa e não se aventure.

— Era exactamente para onde eu ia, para dentro da cama.

— Sera talvez melhor para debaixo, para debaixo da cama.

No dia seguinte, os numerosos informados procurando nos jornais, ansiosamente, as noticias da vespera:

— Devia ser tremendo o sarilho; os jornais não dizem nada!

AUGUSTO CUNHA.

(Do livro «Quasi de Graça», que acaba de ser posto á venda).

Leiam amanhã

KINO

GRANDE SEMANARIO PORTUGUES DE CINEMATOGRAFIA

ECOS DA SEMANA

SO ASSIM DE RAIOS X A POLICIA
PODE FAZER UM
CENSO COM SENSO



ATE OS PRETOS SE TINGEM DE PRETO SE O
SEU PAVILHÃO NAO E "A LA PAGE" E TEM
AZULEJOS
DO ZORZE
COLAÇO.

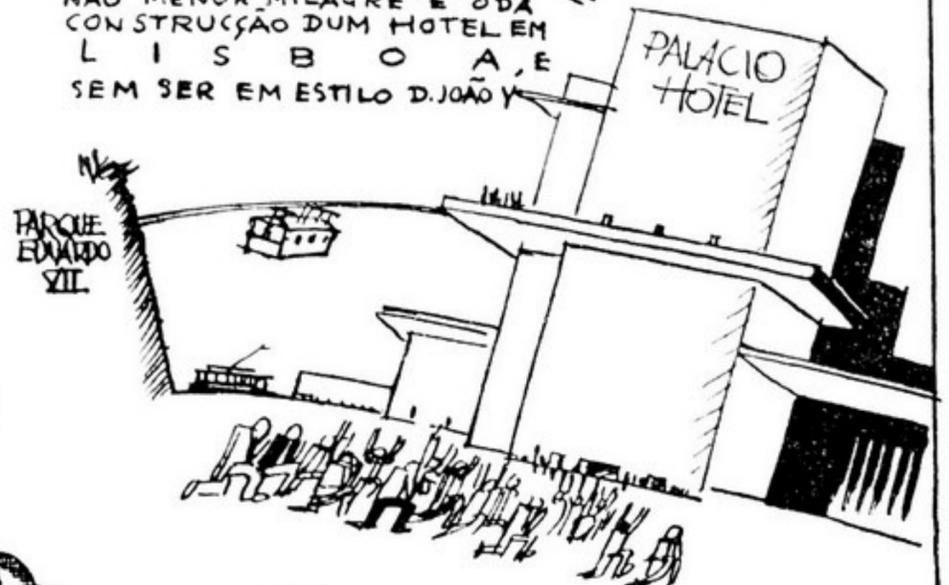


OS MILAGRES DA SEMANA

EXPLICAÇÃO DO MILAGRE
DA NOQUEIRA ONDE
APARECEU UMA
LUZ MISTERIOSA
ALIMENTADA
A ACETILENE



NÃO MENOR MILAGRE É O DA
CONSTRUÇÃO DUM HOTEL EM
L I S B O A , E
SEM SER EM ESTILO D. JOÃO



DESCOBERTA DO CAMINHO
TERRESTRE PARA A INDIA.

O AMIGO "PIU" PAR-
TIU EM BUSCA DE UMA
MENINA BONITA PARA
SER "MISS" PORTUGAL



A UNICA FORMA
QUE CONHEÇO
DE INAUGURAR
UM CANO DE
ESGOTO.

